

56º - OS RITUAIS

1ª Coríntios 7.18-20 – *“Foi alguém chamado, estando circuncidado? Não desfaça a circuncisão. Foi alguém chamado, estando incircunciso? Não se faça circuncidar. A circuncisão, em si, não é nada; a incircuncisão também nada é, mas o que vale é guardar as ordenanças de Deus. Cada um permaneça na vocação em que foi chamado”.*

Já observaram o que o cachorro faz para se deitar? É interessante. Ele chega ao local escolhido, olha, cheira e dá duas ou três voltas e depois se deita. Ele não chega e simplesmente se deita. Por que isso? É o instinto? Eles aprenderam por observação? Essa resposta nós não temos. O que sabemos é que esse é seu ritual que é repetido pela vida inteira.

Muitas coisas do nosso dia-a-dia se tornam rituais. Levantar, escovar os dentes, lavar o rosto, tomar café, almoçar... tudo passa a ter horários preestabelecidos. Alguns casais, até para suas relações íntimas tem dia e hora, obedecendo ao ritual.

A vida religiosa também absolve os rituais. Orar é muito importante, porém o ato de orar corre o risco de se tornar um ritual. O ritual da oração passa a exigir forma, posição e locais específicos para a oração acontecer. Se isso acontece o ritual se torna mais importante que a oração, pois o crente deixa de orar se não puder observar o ritual. O problema do ritual é que ele mata a espontaneidade, o prazer e a alegria. O ritual transforma o que é agradável em algo sem gosto e desagradável.

A Bíblia registra a existência de um grupo religioso que era muito ligado aos rituais. Eram os fariseus. O grupo dos fariseus foi criado para manter o zelo quanto a lei e impedir que os jovens se aproximassem dos rituais pagãos e da filosofia permissiva dos gregos que os dominavam. O surgimento dos fariseus serviu para manter acesa a chama da adoração a Deus e para o cuidado com o culto. Eles mantiveram guardada a lei de Deus e assim evitaram que o paganismo dominasse sobre eles. Deus usou o zelo deles para guardar viva a Sua Palavra.

O problema surgiu quando o ritual dominou o culto e os fariseus, antes tão zelosos e com tanto amor por Deus se tornaram *“hipócritas”*, chamados assim por

Jesus e João Batista. Eram como atores que representavam o papel de adoradores quando seu coração estava longe de Deus. O ritual tornou seu culto inútil e desagradável a Deus.

Isso já havia acontecido antes. No tempo do profeta Malaquias Deus chegou a dizer: *“Tomara houvesse entre vós quem feche as portas, para que não acendêsseis, de balde, o fogo do meu altar. Eu não tenho prazer em vós, diz o Senhor dos Exércitos, nem aceitareis da vossa mão a oferta”* (Ml 1.10). Nesse texto Deus deixa claro que preferia manter as portas do Templo fechadas a ver as pessoas prestarem o culto apenas para cumprir o ritual.

Já no capítulo 2.17, diz: *“Enfadais o Senhor com vossas palavras”*. O ritual não somente traz o enfado a Deus, mas também aos homens, que por causa do ritual acabam se afastando do culto e de Deus.

Esse estudo tratará sobre a validade dos rituais.

Nosso tema será:

A IMPORTÂNCIA DO RITUAL NO RELACIONAMENTO DO HOMEM COM DEUS.

Quem gosta de fazer a mesma tarefa diária todos os dias e da mesma forma? Até as mais emocionantes experiências, se repetidas várias vezes, se tornam comuns e sem graça.

Um exemplo disso é a montanha russa. A primeira vez que você anda nela é de arrepiar e os meninos fazem fila para brincar, porém, depois de andar nela por duas ou três vezes os brinquedos que antes não atraíam se tornam mais interessantes do que ela. Por quê? Por causa da necessidade humana por novas experiências.

Nosso primeiro argumento diz que: **NÃO É O RITUAL QUE FAZ A LIGAÇÃO ENTRE O HOMEM E DEUS** – *“Foi alguém chamado, estando circuncidado? Não desfaça a circuncisão. Foi alguém chamado, estando incircunciso? Não se faça circuncidar”*.

Deus instituiu três festas anuais obrigatórias para Israel. Êxodo 23.14 diz: *“Três vezes por ano me celebrareis festa”*. As três festas eram: Dos Pães Asmos (Festa da Páscoa – Agradeciam a Deus pela libertação do Egito), da Segã (Festa

de Pentecostes ou Festa das semanas – Agradeciam a Deus pela colheita dos primeiros frutos) e da Colheita (Festa dos Tabernáculos – Agradeciam a Deus pelo fim da colheita e se lembravam de quando foram sustentados por Deus, no deserto, sem ter de fazer esforço algum).

Estas festas movimentavam o povo de Israel e os faziam deixar suas casas e todos iam encontrar-se com o Senhor e se alegrar em Sua presença. Imagine que belo acontecimento. Cidades inteiras e povoados deixando suas casas indo com a multidão em festa, em procissão, cantando salmos enquanto caminhavam rumo à Jerusalém com o intuito de agradecer a Deus e lembrar os Seus feitos na libertação, proteção e sustento do seu povo. Era isso que Deus queria: que seu povo estivesse no templo Lhe prestando culto com o coração cheio de gratidão e não movidos pela obrigação do ritual.

No Salmo 51, que é um salmo de confissão de pecados, Davi reconhece algo muito importante para que o culto não se torne um ritual. Ele disse: *“Pois não te comprazes em sacrifícios; do contrário eu tos daria; e não te agradas de holocaustos. Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás ó Deus”* (v. 16,17). O ritual do culto é agradável a Deus quando feito por um coração grato e desejoso de agradá-Lo, sem se preocupar com o ritual em si.

O próprio Deus criou rituais para que os homens o servissem, já citamos as festas criadas por Deus. Deus criou também o ritual da circuncisão. Foi ele quem exigiu que Abraão e todo macho de sua casa fosse circuncidado, inclusive todos os meninos de oito dias de nascido. Esse ritual deixava uma marca no corpo do homem que pertencia ao povo de Deus. Aquele sinal identificava as pessoas que faziam parte da aliança com Deus.

Deus exigia essa marca e até ordenava que se matassem os homens do seu povo que se negassem a receber esse sinal ou aplicá-lo a seus filhos, como vimos que aconteceu com Moisés. Durante muitos anos esse ritual foi repetido. O problema é que ele passou a ter o caráter apenas de “Ritual”. O ritual fez a união do homem com Deus se tornar comum, assim como muitos crentes participam da

Santa Ceia como que por obrigação ou apenas como costume. O sagrado passou a ser tratado como algo sem valor.

Homens como Siquém e seu povo se submeteram à circuncisão apenas por interesse material. Eles sabiam que Jacó era rico, então disseram que se se circuncidassem, as filhas do povo de Jacó e os seus bens passariam para suas mãos. A sua circuncisão não os aproximou de Deus, mas da morte, provando que não é o ritual em si que liga o homem a Deus.

Muitos dos israelitas rejeitaram a circuncisão. No tempo da dominação grega muitos jovens judeus fizeram operação para desfazer a circuncisão. Preferiram deixar de ser identificados como povo de Deus para se identificarem com os gregos. Nesse caso, aquilo que fora criado por Deus para ligar o seu povo a si, foi desprezado.

A Igreja repete rituais. Jesus Cristo criou o ritual da Santa Ceia para a igreja observá-lo. A Igreja se reúne mensalmente para repetir esse ritual que lembra a morte de cruz que garantiu a nossa salvação. O que não pode acontecer é deixar que o ritual faça morrer a comunhão da Igreja com Seu Salvador.

A circuncisão deixou de ser obrigatória para os discípulos de Jesus. O ritual deixou de ser obrigatório porque perdeu o seu sentido. Não adiantava continuar circuncidando homens se eles não se identificavam mais com o seu Deus. A marca deveria levar os homens a agir como povo santo, que devia agir como seu Deus que é santo. Porém como o ritual perdeu o seu sentido ele foi abolido.

A circuncisão deixou de ser a marca daqueles que entram em aliança com Deus. Logo nas primeiras páginas do Novo Testamento encontramos João Batista batizando uma multidão que o procurava. Não encontraremos na Bíblia um texto que mostre quem é o autor desse ritual. O que sabemos é que João Batista foi a primeira personagem bíblica a aplicar o batismo.

Segundo a tradição, o batismo foi iniciado entre os judeus que obrigavam os gentios que se convertiam ao Judaísmo a se batizar. Era apenas um ritual de iniciação que marcava a inserção do gentio no judaísmo. A princípio, os próprios judeus não se batizavam.

Um grupo de judeus chamado Essênios tomaram esse ritual emprestado e o aplicavam a todos (judeus e gentios) como um ritual de purificação. João Batista, um provável ex-membro dos essênios, passou a batizar aqueles que o procuravam. Ele pregava o arrependimento dos pecados. Como precursor do Messias lhe cabia preparar a multidão para que estivesse pronta para entrar no Reino de Deus. O batismo servia como uma preparação para o encontro com o Messias. Para fazer parte do reino de Deus o homem tinha de confessar e abandonar os seus pecados e receber o batismo como confirmação externa do seu compromisso interno.

O batismo de João, possivelmente, era por *“imersão”*, como os Essênios se batizavam, pois criam que todo o corpo deveria passar pela purificação, porque, para eles, as águas tinham a função de purificá-los. Os cristãos não adotaram tal costume porque sabiam que água não lava pecados, mas o Sangue de Cristo.

Primeiro Jesus foi apresentado no templo, pelas mãos de Simeão, depois foi circuncidado e o seu ministério teve início após receber o batismo de João, quando o Espírito Santo surgiu em forma de pomba e Deus confirmou a sua filiação divina. Veja que Jesus passou pelos rituais antigos, quando era criança (apresentação e circuncisão) e aceitou um novo (o batismo).

A circuncisão deixou de ser obrigatória para os discípulos de Jesus, porém o batismo a substituiu, se tornando obrigatório para o crente. Jesus disse: *“Quem crer e for batizado, será salvo”*. Ele abriu mão da circuncisão e passou a exigir o batismo. Não era o batismo que salvava ou salva. Ele apenas confirma a salvação do pecador e a purificação de seus pecados pelo sangue de Cristo.

O ladrão da cruz não foi batizado, porém foi salvo, provando que o que importa é crer em Cristo como Salvador. Se a morte não for tão iminente como a do ladrão da cruz, o novo convertido tem a obrigação de se batizar, pois esse ritual é que marca o início da vida cristã e a entrada do indivíduo em uma aliança com Deus, na qual Deus se propõe a ser o seu Deus e ele passa a lhe ser servo.

O batismo cristão não se prendeu à forma judaica. Pedro batizou uma multidão de três mil pessoas dentro do templo de Jerusalém. Ali não havia nenhum rio. É bem provável que ele tenha feito como os antigos sacerdotes

faziam ao espargir ou jogar sobre o povo, com uma esponja, o sangue que simbolicamente servia para sua purificação. Pedro fez isto com a água e assim os batizou.

Possivelmente, nem todos receberam uma quantidade expressiva de água, mas isso não lhes foi problema porque o uso da água é apenas simbólico, não sendo a quantidade de água usada que define o valor da purificação de quem está sendo batizado. Água não lava pecados e sim o sangue de Cristo. Assim como o sangue era aspergido pelos sacerdotes nós, da Igreja Presbiteriana do Brasil, apenas aplicamos uma pequena quantidade de água na cabeça do pecador arrependido.

O livro de atos relata o batismo de pessoas em situações diversas. Teve gente que foi batizada no deserto (Eunuco – At 8.38), de noite e dentro de casa (O carcereiro e sua família – At 16.30-34), na beira do rio (Lídia – At 16.14,15) e outros. A forma não era tida como importante, como não deve ser hoje, pois o que importa é a entrega pessoal do pecador a Deus e o uso do símbolo de purificação (a água). A discussão em torno da forma do batismo veio posteriormente quando homens carnais passaram a dar mais importância ao ritual do que a entrega do pecador ao seu Senhor.

Hoje existem três formas mais usadas: Aspersão, onde a pessoa recebe uma pequena porção d'água sobre a cabeça, como símbolo da purificação recebida pelo sangue de Cristo; Imersão ou batismo nas águas, onde a pessoa é totalmente submersa no rio; Infusão, usada pela Igreja Católica, onde um jarro d'água é despejado sobre a cabeça da pessoa.

Essas três são apenas formas, pois nenhuma delas foi regulamentada pela Bíblia e se não houver conversão verdadeira mesmo tendo sido batizado por qualquer delas o pecador ainda poderá ser condenado, porque, como dissemos: não é o ritual que faz a ligação entre o homem e Deus. Paulo disse: *“Foi alguém chamado, estando circuncidado? Não desfaça a circuncisão. Foi alguém chamado, estando incircunciso? Não se faça circuncidar”*.

Os judeus se acostumaram à circuncisão. Muitos deles passaram a se orgulhar de serem circuncidados, tratando os incircuncisos como *“povo inferior”*.

Eles tratavam a circuncisão como um ato final de seu relacionamento com Deus. Bastava circuncidar e se tornava filho de Deus. Nada mais lhe era exigido, apenas que cumprisse os rituais do culto.

Não é isso que se percebe na Bíblia. Paulo mesmo disse que o fato de serem filhos de Abraão e de terem sido circuncidados não fazia deles filhos de Deus. Muitos dos milhares de judeus que saíram do Egito não entraram na terra prometida. Mesmo tendo sido circuncidados foram condenados. O seu pecado os levou a destruição. O ritual não os uniu a Deus e muito menos os salvou.

Do mesmo modo é bom que os crentes se conscientizem de que o batismo não tem valor algum em si mesmo. Sem a parte espiritual ele é apenas um ritual que é até esquecido. O batismo deve ser recebido com temor e tremor e movido pelo Espírito Santo, numa confissão sincera e verdadeira de arrependimento dos pecados e de um sincero desejo de se tornar servo de Jesus Cristo.

Sem esses elementos, o batismo apenas não te ligará a Deus e não te salvará. O batismo te traz responsabilidades e você passa a representar a Cristo por onde você andar. Tua vida passa a refletir o teu Senhor.

O outro aspecto que o texto nos apresenta é que **É A OBEDIÊNCIA AOS PRECEITOS DE DEUS QUE VALIDA OS RITUAIS** – *“A circuncisão, em si, não é nada; a incircuncisão também nada é, mas o que vale é guardar as ordenanças de Deus”*.

Uma igreja, próxima de nós, lançou um desafio aos seus membros: Batizar duas mil pessoas no próximo dia de batismo. Para tanto os pastores passaram a exigir empenho total dos membros. Como a cobrança não estava dando os efeitos esperados passaram a afastar membros dos trabalhos da igreja. Quem não trouxesse uma quantidade X de pessoas para a igreja não poderia mais trabalhar ou participar de corais e conjuntos musicais. O resultado é que muitos se empenharam e “empurraram” novos membros para a igreja e todos foram batizados numa grande festa.

Há um grande problema nas igrejas atuais. O desejo de crescer rapidamente tem feito com que novos membros sejam aceitos sem que recebam nenhum preparo teológico ou ensino para a vida prática. A pessoa é recebida e

em pouco tempo abandona a igreja. Ela não foi devidamente preparada para as provações que enfrentaria e não lhe foi dada a “*armadura*” necessária para que as vencesse. Em vindo as provações se enfraquecem e caem. A única ligação que tinham com a igreja era o batismo. Esses conheceram o batismo, porém nunca conheceram o Salvador ou se tornaram seus servos. Eles não aprenderam que Deus exige obediência, e não somente o batismo.

É isso que dissemos: É a obediência aos preceitos de Deus que valida os rituais. Não adianta ser batizado se não aprender a obedecer a Deus. O batismo não salva aqueles que foram batizados. Ele serve como uma confirmação externa de uma conversão interna.

É por isso que Paulo disse: “*A circuncisão, em si, não é nada; a incircuncisão também nada é, mas o que vale é guardar as ordenanças de Deus*”.

Podemos dizer o mesmo do batismo. “*O Batismo, em si, não é nada; a falta do Batismo também nada é, mas o que vale é guardar as ordenanças de Deus*”.

Durante anos, e creio que até hoje, católicos creram que se uma criança morresse sem receber o batismo não iria para o céu. Para eles o que salva é o ritual. Paulo contesta essa ideia mostrando que o ritual em si não vale nada e a sua falta também não. Porém, se houver obediência e temor a Deus, quer sejam batizados ou não, serão salvos.

Vamos esclarecer um ponto importante. Isso que acabamos de dizer não permite a alguém dizer que é crente sem ser batizado. Somente situações adversas e que impeçam o batismo é que são aceitas para o crente, temporariamente, dizer que é crente sem ser batizado. Porém, em estando numa situação que lhe permita o batismo ele deve, imediatamente, procurar a igreja e confessar publicamente sua fé e por ela ser batizado.

É por isso que não é aceitável a ninguém dizer que é crente sem estar ligado, como membro, a uma igreja. Somente a igreja é que pode batizar. Somente ela recebeu a autoridade da boca do próprio Filho de Deus e cabeça da igreja para ligar aos céus aqueles que desejam a salvação e estão prontos a obedecer ao Senhor; ou desligar dos céus aqueles que são rebeldes, que fizeram

uma falsa profissão de fé e, posteriormente, passaram a se negar a obedecer às leis de Deus.

Se a pessoa se nega a procurar uma igreja, se filiar a ela, assumir compromissos e por ela ser batizado não poderá dizer que é um crente, que teme a Deus e que será salvo. Somente quem confessar a Cristo como salvador é que é salvo e essa confissão tem de ser feita numa Igreja que serve a Cristo. Sem Jesus não há salvação e sem batismo não há confirmação.

O crente foi a uma igreja, se batizou e professou sua fé – Ele não tem de fazer mais nada? É claro que tem. Ele tem uma vida cristã para viver. Cabe a ele colocar em prática as coisas que aprendeu na Bíblia.

A conversão verdadeira será confirmada numa vida de obediência. Tua fé será provada. Deus deixará que você seja exposto à situações tentadoras onde você terá de escolher entre ser fiel ou desobedecê-Lo. A obediência a Deus, em situações adversas, é que confirmará que, de fato, você é um crente, pois é a obediência aos preceitos de Deus que valida o batismo e sua profissão de fé.

Estamos vivendo a era de crentes fúteis. Como o que importa para muitas igrejas é ter um grande número de membros, passaram a exigir cada vez menos deles por medo de que eles fujam da igreja. Com isso os membros passaram a exigir. Passaram a cobrar da igreja como se ela tivesse que agradá-los para permanecerem nela.

Esquecem-se de que é o contrário. Os membros têm de obedecer a Deus para terem o privilégio de permanecerem na Igreja. Caso não obedçam aos preceitos de Deus os membros são disciplinados e excluídos, pois sem obediência não é possível ser discípulo de Jesus Cristo. Se alguém rejeita a autoridade da Igreja, também não acolherá a autoridade de Jesus, pois Ele atua através da Sua Igreja.

Se não tem a intenção de obedecer a Deus e andar como o Senhor exige, então não adianta se batizar, pois o batismo não servirá para aproximá-lo de Deus. O batismo marca o passo inicial de uma vida de obediência.

A pergunta que me fiz sobre esse texto foi: O que circuncisão, batismo e rituais tem a ver com a família e com casamento, já que esse é o assunto tratado

nesse capítulo. A conclusão a que cheguei foi que **O CASAMENTO É UM RITUAL OBRIGATÓRIO, REALIZADO NA PRESENÇA DE DEUS E POR ELE ABENÇOADO, PORÉM DEVE SER VIVIDO EM OBEDIÊNCIA ÀS LEIS DE DEUS PARA QUE O CASAL SEJA FELIZ.** Paulo termina o versículo dizendo: *“Cada um permaneça na vocação em que foi chamado”.*

Quantos casamentos infelizes têm por aí com homens e mulheres insatisfeitos e enfadados com seu casamento. Já não suportam um ao outro. Deixaram que os problemas se tornassem mais importante que o amor. O casamento não acaba porque sentem que é uma obrigação cristã e social continuar casados. Deus não se agrada de casamentos assim.

O desejo de Deus é que seus servos sejam felizes. Quando dizemos que o casal cristão não pode se separar não queremos dizer com isso que os dois têm de viver uma vida infeliz, pelo contrário. O que Deus deseja ao obrigar o casal cristão a não se separar é para que eles apliquem à sua união os mesmos princípios que Deus aplicou ao relacionamento dEle com os homens.

Deus quer que o cônjuge cristão se sacrifique por sua felicidade, porque felicidade não é somente estar sorridente. A felicidade é produzida pelo prazer de ter feito a coisa certa, e somente quem obedece a Deus é que faz a coisa certa.

O casamento não é sacramento. Deus não deixou o ritual do casamento como uma forma de unir os homens a si, como acontece com o Batismo e Santa Ceia. Porém a relação de duas pessoas que amam a Deus, dentro de um casamento reflete algo sagrado.

A mulher deve se associar à missão do marido (ser submissa) como a Igreja deve continuar a missão de Cristo, seu noivo, trabalhando para a salvação do pecador. O marido deve se sacrificar pelo bem da sua esposa, como Cristo o fez pela Igreja, morrendo por ela. A vida conjugal e o amor do marido para a esposa e da esposa para o marido deve refletir a relação que Jesus Cristo tem com Sua Igreja – Uma relação de amor verdadeiro.

Nisto podemos ligar o valor do ritual do casamento com a ideal de Deus para a união de um homem com sua mulher. A Circuncisão e o Batismo não ligam

o homem a Deus se não houver obediência, pois a obediência é que provará que a confissão oral foi movida por um coração que crê e se entrega a Jesus.

Assim também o homem não agrada a Deus simplesmente por se casar, sendo obrigado a isso. Mas ele o agrada quando se casa como cumprindo esse ato com o coração grato e feliz diante de Deus pelo simples prazer de obedecê-lo.

Deus não fica feliz com o casamento infeliz de ninguém. Deus não fica feliz quando um casal inicia o casamento por causa de uma gravidez antecipada ou porque o casal resolveu fazer sexo antes do casamento. Deus fica feliz quando dois jovens Lhe são fiéis e se guardam para o casamento e juntos se entregam ao prazer depois de serem abençoados por Deus. Deus tem prazer na obediência e honra essa obediência com muitos galardões celestes e bênçãos terrenas.

Dissemos que o casamento é um ritual obrigatório, realizado na presença de Deus e por ele abençoado, porém deve ser vivido em obediência às leis de Deus para que o casal seja feliz. Paulo disse: *“Cada um permaneça na vocação em que foi chamado”*.

O casamento é obrigatório porque se um homem ou mulher não consegue ficar solteiro sem sexo, ele tem de se casar para viver a vida conjugal. Se isso não acontece e há atividade sexual, essa vida sexual é pecaminosa e Deus trará juízo sobre a vida desse casal que o está desobedecendo.

É realizado na presença de Deus e por ele abençoado não somente quando feito dentro de uma igreja, porque Deus está em todo lugar e vê tudo e abençoa o casal quando, sob as mãos do sacerdote, recebe as Suas bênçãos. É por isso que o casamento deve passar pelo ritual obrigatório, para que Deus os abençoe.

Dissemos que o casamento deve ser vivido em obediência às leis de Deus para que o casal seja feliz. Afirmamos isso porque ninguém consegue ser feliz sendo contrário à vontade de Deus. Um casal que se une e vive de forma rebelde joga o seu casamento num precipício. Ele não durará ou promoverá a felicidade dos dois. Mas quando um casal coloca todas as suas decisões e projetos nas mãos de Deus e faz todo o possível para obedecê-lo as mãos do Senhor ampara esse casal e os guia de maneira suave e quando os problemas surgem Ele dá

sabedoria para resolvê-los e as crises são enfrentadas e vencidas. A obediência a Deus é que garante o sucesso do casal.

“Cada um permaneça na vocação em que foi chamado”. Lembram-se de que logo no início do capítulo sete vimos que para continuar solteiro o homem tinha de ser vocacionado para a solteirice? Para ser casado o homem também é vocacionado. Se a pessoa foi vocacionada para o casamento ela não conseguirá viver solteira. Uma vez tendo se casado ela deve procurar todas as formas possíveis para manter o seu casamento no melhor estado possível. Deve lutar para garantir a felicidade do lar, o desejo entre o casal e a felicidade doméstica. Quando os dois se esforçam juntos para o bem do casal esse casal vence.

Não adianta se separar e colocar outra pessoa no lugar. Deus não lhe permite essa aventura. Para Deus o casamento une a pessoa pela vida toda. E o marido continuará sendo marido dela por toda a vida, assim como a esposa. Diante de Deus não há como haver uma troca. Somente em caso de pecados sexuais ou morte do cônjuge.

Não tente investir numa nova relação. Invista no teu casamento, pois outro casamento trará as mesmas dificuldades, e se as mesmas não vierem, outras surgirão. E se você não aprendeu a aplicar o amor de Deus no primeiro casamento, o segundo também estará fadado ao fracasso.

Esse estudo tratou a respeito da validade dos rituais.

Nosso tema foi:

A IMPORTÂNCIA DO RITUAL NO RELACIONAMENTO DO HOMEM COM DEUS.

Vimos que os rituais são necessários e tem o seu valor, mas sozinhos são inúteis. É preciso que haja obediência a Deus e amor de uns para com os outros para que os relacionamentos humanos, assumidos em rituais, reflitam a perfeita união do homem com Deus.

A respeito dos rituais fizemos três afirmações:

NÃO É O RITUAL QUE FAZ A LIGAÇÃO ENTRE O HOMEM E DEUS –

“Foi alguém chamado, estando circuncidado? Não desfaça a circuncisão. Foi alguém chamado, estando incircunciso? Não se faça circuncidar”.

É A OBEDIÊNCIA AOS PRECEITOS DE DEUS QUE VALIDA OS RITUAIS – *“A circuncisão, em si, não é nada; a incircuncisão também nada é, mas o que vale é guardar as ordenanças de Deus”.*

O CASAMENTO É UM RITUAL OBRIGATÓRIO, REALIZADO NA PRESENÇA DE DEUS E POR ELE ABENÇOADO, PORÉM DEVE SER VIVIDO EM OBEDIÊNCIA ÀS LEIS DE DEUS PARA QUE O CASAL SEJA FELIZ –
“Cada um permaneça na vocação em que foi chamado”.

O casamento é realizado num ritual. O fato de se casar não demonstra sua obediência aos preceitos de Deus, pois muitos se casam e essa união não tem nada a ver com Deus ou Sua vontade. Mas a vida a dois, vivida em amor e temor a Deus e amor ao cônjuge mostrará que de fato tua união foi realizada na presença de Deus e com a intenção de agradá-Lo e cumprir a Sua vontade.

Agrade a Deus em tudo o que fizer. Deus fica feliz e você é ainda mais abençoado.